



Luis Robayo/AFP



Lula acena ao lado de Haddad e Alckmin em São Paulo, durante ato de encerramento da campanha

Douglas Shineidr/AFP



Flávio participa de motociata ao lado de apoiadores: "Temos um amigo do Lula no STF fazendo de tudo"

O destino do Brasil definido em nove horas

Entre as 8h e as 17h no horário de Brasília, 158,7 milhões de brasileiros vão às urnas para eleger presidente, governador, dois senadores e deputados federais, estaduais e distritais. Lula e Flávio fecham a campanha em São Paulo

» EDUARDA ESPOSITO
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA
» PEDRO JOSÉ BORGES

Os dois protagonistas da corrida presidencial, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Flávio Bolsonaro (PL), encerraram as campanhas, ontem, em São Paulo. O presidente realizou uma caminhada pela Avenida Paulista ao lado de apoiadores, aliados e candidatos em São Paulo. A rua ficou tomada por vermelho durante o evento. Já no interior do estado, Flávio reuniu milhares de motociclistas para a tradicional motociata que os bolsonaristas têm costume de realizar. O senador foi seguido entre as cidades de Santa Bárbara d'Oeste e Americana, na região de Campinas (SP). Após o evento pela manhã, Flávio realizou uma live na parte da noite. Durante o ato, o presidente Lula

afirmou que vai às urnas contra "um chefe de quadrilha" e a barbárie. "Vamos às urnas amanhã (domingo) com muita tranquilidade sabendo o que está em jogo. De um lado a democracia e a soberania, do outro lado a barbárie e a corrupção. Do outro lado, nós estamos trabalhando com um chefe de quadrilha. Estamos trabalhando contra crime organizado. Por isso, nós vamos precisar da força de vocês", disse. Já o senador voltou a falar sobre o Poder Judiciário e criticou a atuação do Supremo Tribunal Federal (STF). "A corte máxima tem que deixar de ser uma delegacia, lamentando que temos um amigo do Lula no STF fazendo de tudo, dando canetada para tentar ajudar o Lula a se reeleger", disse. Flávio também afirmou que os parlamentares estariam sendo influenciados pelo governo e pelo STF. "Mesma

coisa está acontecendo no Congresso Nacional, que está capturado pelo governo e pelo STF, que acabam querendo antecipar pautas que precisam ser discutidas após as eleições", afirmou. O ex-governador de Goiás Ronaldo Caiado (PSD) encerrou a campanha com dois atos em seu estado: uma caminhada em Goiânia e outra em Trindade. Caiado tem mais de 80% de aprovação dos goianos e escolheu a terra natal para encerrar o ciclo. O ex-governador também comentou sobre rumores de que poderia desistir de sua candidatura em prol de Flávio Bolsonaro (PL-RJ). "Isso não existe. Jamais essa posição sequer foi cogitada comigo", refutou. O candidato à Presidência Romeu Zema (Novo) não teve agenda pública ontem, véspera do primeiro turno das eleições. O

ex-governador de Minas Gerais almoçou com os pais em Araxá (MG), cidade onde nasceu e votará hoje. O candidato à presidência pelo Avante, Augusto Cury, concentrou o último dia de campanha presidencial em conversas com apoiadores pelas redes sociais, em transmissão ao vivo. Sob o lema de "nem picanha, nem fuzil, Augusto Cury para curar o Brasil", o escritor falou em investimentos na telemedicina como estratégias para política na área de saúde. E o candidato pelo Missão, Renan Santos, participou ontem de live com o apresentador de TV Danilo Gentili, um de seus apoiadores, e realizou uma caminhada em São Paulo. "Lula não foi ao debate porque as pessoas que estão com ele não querem que ele vá. Já Flávio faltou ao debate porque estava com medo", afirmaram Renan e Gentili.

Urna eletrônica

Neste domingo, 158,7 milhões de brasileiros, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), devem ir às urnas. Cada eleitor deve escolher um deputado federal, um deputado estadual ou distrital, dois senadores, um governador e um presidente — essa, inclusive, é a ordem de votação na urna eletrônica. Não é permitido acessar a cabine de votação com celular, máquina fotográfica ou qualquer equipamento que comprometa o sigilo do voto. Os aparelhos devem ser desligados e deixados em um local indicado pelos mesários. Todos os 5.571 municípios e outras 186 cidades no exterior estão prontas para receber os eleitores. Fora do Brasil, 918.876 brasileiros estão habilitados, o que representa cerca de 0,5% do eleitorado nacional. De acordo com a Justiça Eleitoral, são 517.206 seções eleitorais organizadas

em 2.641 zonas eleitorais. Comparado com a eleição de 2022, houve um aumento de 2,3 milhões de eleitores e eleitoras, uma alta de 1,4%. O horário muda de acordo com alguns estados devido ao fuso horário. No Acre e em 11 municípios do Amazonas, a eleição será das 6h às 15h; em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Roraima e na maior parte do Amazonas, das 7h às 16h; em Fernando de Noronha, a votação ocorre das 9h às 18h e nos demais estados e Distrito Federal, das 8h às 17h. É possível acompanhar a apuração das urnas a partir das 17h, horário de Brasília. O TSE transmite os resultados das zonas eleitorais que não tiverem mais filas e eleitores. Neste ano, a Justiça Eleitoral afirma que a apuração deve ser mais rápida que nos últimos pleitos devido à modernização no sistema de apuração.

Quatro pontos que tornam 2026 diferente

A eleição de 2026 é considerada por muitos especialistas como inédita por diversos pontos, como a possibilidade de um presidente exercer um quarto mandato, a falta de debate entre os dois principais candidatos, um novo recorde de abstenção e inteligência artificial recebendo o regramento de uso nas campanhas. Até aqui, o que tem enfraquecido o pleito é justamente a ausência de confrontos entre os candidatos. "A ausência enfraquece porque o debate tem uma função que o podcast, a entrevista, a própria rede social não consegue substituir. Colocar o candidato diante do contraditório é um ponto de desconforto quando você está ali ao vivo com as mesmas regras, no mesmo

parâmetro para todo mundo. E em uma situação de embate, a postura é outra. Não dá para dizer que faltou informação para o eleitor. O que faltou foi o confronto", explicou o cientista político Henrique Hellas. Para ele, quem saiu perdendo foram os candidatos menores, com menos espaço, e os eleitores ao terem menos oportunidade de comparação direta de nomes e propostas. No quesito comparação entre os dois principais candidatos, Filipe Brandão, especialista em direcionamento de imagem comportamental, estratégia de marca e posicionamento de mercado, destaca que o principal desafio de Lula e Flávio Bolsonaro é ir além do reconhecimento. "Do ponto de vista

Não dá para dizer que faltou informação para o eleitor. O que faltou foi o confronto"

Henrique Hellas, cientista político

de imagem, um dos principais desafios de Lula é justamente o peso da própria trajetória. Quanto mais consolidada é uma marca política, mais difícil pode ser gerar sensação de novidade. Flávio Bolsonaro vive

Para 2026, uma previsão de 22% (de abstenção), o que corresponderia, atualizando os dados de eleitores cadastrados de 2022 para cá, seriam cerca de 35 milhões de pessoas"

Alessandro Costa, professor de direito eleitoral

um desafio quase inverso, entrou em uma campanha presidencial carregando uma marca extremamente conhecida, mas que não foi construída originalmente apenas por ele. O risco de imagem é que o

eleitor reconheça primeiro o sobrenome Bolsonaro e só depois tente entender quem é Flávio", pontuou. Quando se fala sobre abstenção, a projeção tem sido de recorde em comparação a 2022. O professor

de direito eleitoral do CEUB Alessandro Costa explica que pesquisas apontam um aumento do número de eleitores que não devem ir às urnas. "Para 2026, uma previsão de 22%, o que corresponderia, atualizando os dados de eleitores cadastrados de 2022 para cá, seriam cerca de 35 milhões de pessoas", explica. Os motivos envolvem pouco interesse nas eleições, escândalos de corrupção como a fraude do INSS e o Banco Master, além da alta rejeição dos dois nomes mais competitivos, com índices de mais de 50%. O envelhecimento do eleitorado também contribui, uma vez que brasileiros com mais de 70 anos não são obrigados a votar. (EE)